

Nostalgia: *tipos e narrativas*

Karla Nazareth Tissot

Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPEL
Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPEL
Graduação em Comunicação Social pela UFAM
E-mail: karlanazareth@gmail.com

Sidney Gonçalves Vieira

Professor Titular do Departamento de Geografia da UFPEL
Doutorado em Geografia pela Unesp/Rio Claro
Mestre em Planejamento Urbano UFRGS
Graduação em Estudos Sociais e Geografia UFPEL
Bolsista CNPq, PQ2
E-mail: sid.geo@gmail.com

Recebido: 26 mar. 2020

Aprovado: 30 mai. 2020

Resumo: O artigo mostra a nostalgia como categoria de análise usada para entender a paisagem e os sentimentos evocados pelos lugares que contém substratos de memória. Neste artigo, além do apanhado histórico da palavra e da sua classificação em doce e amarga, também tratamos das semelhanças e diferenças com relação ao termo “saudade”, e dos diferentes tipos de narrativa em que a nostalgia pode ser enredada.

Palavras-chave: Nostalgia. Memória. Narrativa.

Abstract: The article shows nostalgia as a category of analysis used to understand the landscape and the feelings evoked by the places that contain substrates of memory. In this article, in addition to the historical background of the word and its classification as sweet and bitter, we also deal with the similarities and differences in relation to the term “saudade”, and the different types of narrative in which nostalgia can be enmeshed.

Keywords: Nostalgia. Memory. Narrative.

Resumen: El artículo muestra la nostalgia como una categoría de análisis utilizada para comprender el paisaje y los sentimientos evocados por los lugares que contienen sustratos de memoria. En este artículo, además del trasfondo histórico de la palabra y su clasificación como dulce y amargo, también tratamos las similitudes y diferencias en relación con el término "saudade", y los diferentes tipos de narrativa en los que la nostalgia puede enredarse.

Palabras clave: Nostalgia. Memoria. Narrativa.

Introdução

Nostalgia e saudade são termos constantemente tomados como sinonímicos na literatura e na academia, de modo geral. A bem da verdade, a distinção entre esses termos ganha relevância nos estudos da psicologia comportamental e naqueles referidos à memória social. Aqui, busca-se a melhor compreensão dos referidos vocábulos, a fim de lhes conferir o *status* de uma categoria de análise, que possa ser utilizado também nos estudos referidos à paisagem e ao patrimônio cultural.

Esta tentativa, de fazer uso destes termos, especialmente de nostalgia, como categoria de análise acadêmica, se prende ao fato da relação possível de se estabelecer entre lugares, enquanto espaços de identidade, paisagem, enquanto materialização histórica e patrimônio cultural, no sentido de formas objetivas valorizadas socialmente. Tais relações possibilitam o uso da nostalgia referida ao espaço, na sua materialização, por intermédio da paisagem, ainda que seja, fundamentalmente, entendida em sua relação com o tempo. Assim, espaço e tempo se unem nas formas da paisagem, que podem ser desconstruídas e compreendidas nas subjetividades que contém, ainda que na sua aparência externa não se mostrem à primeira vista.

Nesse sentido, é fundamental compreender o significado da nostalgia, sua amplitude e abrangência, de maneira a possibilitar, a partir de seu estudo, o uso desta categoria para analisar os lugares que são substratos de memória e que podem ser representados pela paisagem e pelo patrimônio cultural. É o primeiro momento de uma tese que defende o relacionamento entre espaço e tempo por intermédio da nostalgia associada aos lugares.

Entre saudade e nostalgia

Emoções só se tornam acessíveis ao entendimento quando nomeadas, quando ligadas a palavras (STAROBINSKI, 1966). A priori, são questões íntimas, confusas, inexprimíveis (TUAN, 1979), um eterno estado de vir a ser, até que se tornem coisas isoladas através da linguagem (BERGSON, 1988). Com a nostalgia, o entendimento parte dessa premissa. Com a própria saudade – sentimento que, na maioria das vezes, se confunde com o primeiro – não é diferente.

A propósito de significado tão próximo entre esses dois termos que um breve desvio deve ser feito e, antes de chegarmos à nostalgia, precisamos falar de saudade. Ao interpretar, à luz da filosofia, os principais temas abordados na obra musical de Paulinho da Viola, Pereira Júnior (2014), doutor em Filosofia e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, dedica algumas páginas para tratar da saudade. Em sua tese, o autor relata que até o século XIII, a palavra ainda não mostrava traço de existência, uma vez que é possível verificar no *Summa Teológica* de Tomás de Aquino (escrita entre os anos de 1265 a 1273), a descrição de uma emoção ambivalente, dolorida, mas deleitável – muito similar ao sentimento saudoso –, porém, sem qualquer associação a um termo específico:

Nada impede que um dos contrários seja acidentalmente causa do outro. Assim, a tristeza pode ser causa do deleite. Em primeiro lugar, enquanto a tristeza pela ausência de algo ou pela presença do contrário busca com mais veemência aquilo em que deleitar-se [...] A própria dor pode ser deleitável acidentalmente, quando está acompanhada de admiração, como nos espetáculos, ou quando evoca a lembrança da coisa amada e faz sentir o amor daquilo cuja ausência é dolorida. Deste modo, sendo o amor deleitável, tanto a dor como tudo o que provém do amor é deleitável, enquanto fizer sentir o amor (AQUINO, 1989, p. 302 – tradução nossa)¹.

Pereira Júnior (2014), também, evidencia que a palavra saudade (grafada como tal e não as variações *saydade*, *soidade*, *suidade*) vinculada ao sentido de lembrança mesclada ao desejo de algo ausente, a “dor gostosa da ausência”, aparece apenas no século XV, consolidando-se de fato no século XIX. Morfologicamente, deriva do latim *solītas, ātis* que significa a “solidão provocada pela falta de alguma coisa” (PEREIRA JÚNIOR, 2014, p. 154), de onde também derivam as palavras *soledad* em espanhol e *soledat* em catalão, esses dois últimos casos, porém, tratando apenas do sentimento provocado pela falta do lar.

A carga de significados sintetizados em saudade sugere que, além de “*soletate* (*soledade*, isolamento), [a palavra] haveria também recebido a influência do árabe *saudá* ou *saud* (melancolia)” (PEREIRA JÚNIOR, 2014, p. 154), fazendo com que o termo, como observou o historiador Joaquim Nabuco (1909), só possa ser traduzível a um anglo-saxão, por exemplo, utilizando-se não apenas uma palavra, mas quatro: *remembrance* (lembrança), *love* (amor), *grief* (pesar) e *longing* (anseio).

No dicionário Houaiss, a saudade aparece como “sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo desejável” (HOUAISS, 2012), enquanto o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) descreve o sentimento como “lembança nostálgica” do distante ou do que não existe mais, “acompanhado do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”, um sinônimo para nostalgia que, por outro lado, é definida também como saudade, principalmente aquela causada pelo afastamento da terra natal, tristeza sentida pelo exilado (DICIONÁRIO INFOPÉDIA, 2003; FERREIRA, 2010; HOUAISS, 2012).

Porém, ainda que nos dicionários apareçam como sinônimo no que diz respeito ao sentimento de “falta de algo”, a palavra nostalgia carrega, primeiramente, um significado específico de saudade, que é a saudade da pátria, de um lugar de origem, do que foi deixado para trás, que não justificaria, no entanto, a nostalgia que persiste mesmo depois que se tenha retornado ao lar da infância, como aludido por Immanuel Kant em seu *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*, em 1798, a respeito dos nostálgicos suíços:

A saudade de casa dos suíços [...] que os acompanha quando são transferidos para outros lugares, é o efeito de uma saudade que é estimulada pela lembrança de uma vida livre de preocupações e da companhia da vizinhança de sua juventude, uma saudade dos lugares onde eles aproveitaram os simples prazeres da vida. Depois, quando eles visitam esses lugares, eles se desiludem e até mesmo têm sua saudade de casa curada. Para se certificarem, eles racionalizam que tudo se transformou, mas na verdade são eles que não conseguem trazer sua juventude consigo (KANT *apud* ILLBRUCK, 2012, p. 131 – tradução nossa)².

Neste trecho, o filósofo referia-se a uma doença que aparecera um século antes na dissertação médica de Johannes Hofer (1688). O neologismo nostalgia (do grego *nostos*, regresso ao lar, e *algos*, dor ou sofrimento) enfatizava como doença o *Heimweh* (em alemão, dor sentida por não se estar na terra natal), uma condição observada entre os mercenários suíços alocados na França. Embora o termo na literatura médica soasse como novidade, a inspiração vinha de Odisseu que, mesmo seduzido pela beleza imortal da ninfa Calipso, negava-se a desfrutar de seus encantos e de uma vida feliz ao seu lado na ilha Ogígia, pois ansiava pela esposa Penélope, pelo *nostos*, pelo lar que havia deixado para trás (SEDIKIDES et al., 2008):

Sublime deusa,
Não te agraves portanto; eu sei que em tudo
A prudente Penélope transcendes,
Nem da morte és escrava ou da velhice;
Mas para os lares meus partir suspiro.
Se um deus me empece, como os já passados,
Suportarei constante os outros males (HOMERO, 2009, p. 62).

Além da poesia de Homero e do *Heimweh* sentido pelos alemães, também se falava em *Maladie du Pays* (sofrimento pela ausência da pátria) na França, de Saudade em Portugal e do *El Mal de Corazón* (a moléstia do coração) entre os soldados espanhóis do exército de Flandes. Porém, foi somente a partir do trabalho de Hofer que o sentimento nostálgico passou a ter as suas características psicológicas e fisiológicas detalhadas, sendo encarado como doença cujos sintomas iam do desânimo melancólico, a crises de choro, de distúrbios alimentares a tentativas de suicídio (ROSEN, 1975; DAVIS, 1977).

Enquanto condição associada particularmente aos suíços, logo a nostalgia foi encarada como fraqueza desonrosa para a juventude daquele país, levando o médico Jean-Jacques Scheuchzer, em 1705-06, a propor uma “explicação mecânica” que atribuía à pressão atmosférica o agente exterior pelo qual os jovens soldados eram mais propensos a sofrer com a enfermidade (STAROBINSKI, 1966; ROSEN, 1975):

Como os suíços vivem nas montanhas, afirmou, eles inspiram um ar refinado que também é levado ao corpo pela comida e pelas bebidas. Quando eles descem à planície, as delicadas fibras da pele são comprimidas, o sangue é levado à força para o coração e para o cérebro, a circulação se torna mais lenta e o organismo não resiste aos efeitos nocivos, a ansiedade e as saudades de casa se sobrepõem (ROSEN, 1975, p. 343 – tradução nossa)³.

Não demorou para a doença se espalhar entre soldados de outras nações e demais classes de pessoas. Até o fim do século XVIII, já era clinicamente atestada como mal democrático, reconhecido pelos médicos em toda a Europa como passível de ocorrer não somente entre os soldados suíços, mas em qualquer grupo étnico e social (ROSEN, 1975). Condicionada à enfermidade, a nostalgia poderia ser fatal, mas tratável, e os remédios prescritos variavam entre ópio, aplicação de sanguessugas, sessões de hipnose, que obviamente não funcionavam tão efetivamente quanto enviar o doente de volta para casa – ou enterrá-lo vivo, ameaça feita por um general russo em 1733, que com o objetivo de não perder soldados para a moléstia, obteve bastante sucesso após a medida drástica.

Tornou-se notório que, em um período de popularização do sentimento enquanto doença, também se popularizou a doença enquanto desculpa fraudulenta para escapar da vida militar (STAROBINSKI, 1966). No entanto, foi com o movimento romântico no final do século XVIII e início do século XIX, que o sentimento encontrou um terreno fértil para propagar-se. Mesmo período, inclusive, em que a palavra entrou para o português a partir do francês *nostalgie* (CUNHA, 2010).

Nostalgia é uma emoção histórica que nasceu nos tempos do Romantismo e é contemporânea ao nascimento da cultura de massa. Começou como um “boom” de memória no começo do século XIX que transformou a cultura de salão dos educados habitantes urbanos e donos de terra em um ritual de comemoração de sua juventude perdida, energia perdida, danças perdidas, chances perdidas. Com o aperfeiçoamento da arte de álbuns, a prática de escrever poemas, desenhar figuras e deixar flores secas e plantas em um álbum feminino, qualquer flerte estava à beira de se tornar um *memento mori* (BOYM, 2001, s/p – tradução nossa)⁴.

Entre o final do século XIX e início do XX, com os progressos nas áreas de patologia e bacteriologia, e em melhorias no tratamento de soldados e marinheiros – ainda os mais atingidos pelo mal –, paralelamente ao processo de urbanização na Europa – que abriu espaço para as grandes cidades e para os avanços nos meios de transportes, impulsionando e facilitando o deslocamento maior de pessoas (STAROBINSKI, 1966), os casos de nostalgia foram desaparecendo dos hospitais. Sai das “repercussões orgânicas” e passa a fazer parte da literatura psiquiátrica, onde passou de doença para uma reação associada a problemas de adaptação à nova realidade que se desenhava, ou então, como defendia o médico Theodore Calhoun, a uma pura e simples fraqueza de caráter relacionada a preguiçosos avessos ao progresso (BOYM, 2001).

Em meados do século XX, o uso técnico da palavra nostalgia na psiquiatria também foi desprezado. Novos termos foram utilizados para descrever sintomas e indisposições. A nostalgia recebe aplicações metafóricas, românticas, sem ser relacionada menos à geografia e mais ao anseio agri-doce pelo passado, no qual os “prazeres simples da vida”, conforme avaliou Kant, foram vividos. Para a vontade de retornar/falta da terra natal, então, concentrou-se na utilização de terminologias como *homesickness*, *maladie du pays*, *heimweh* e o cunho da nostalgia que antes era espacial, passou a ser temporal, assim como a doença fatal deixou de ser encarada apenas como sentimento ambivalente, agri-doce, envolvendo nuances de felicidade e de tristeza (DAVIS, 1977; SEDIKIDES et al., 2008).

Em alguns dicionários de língua portuguesa, a palavra nostalgia possui como extensão de sentido o “desejo de voltar ao passado” (HOUAISS, 2012), de ligeira tristeza por lembranças vividas em outro tempo (MICHAELIS, 2015), de saudade do passado, de outra época (LÉXICO, 2009). Em espanhol, o significado ampliado também associa o sentimento à tristeza oriunda de uma felicidade perdida que é recordada (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2016); e em inglês, o significado original de saudade da pátria e do lar deu lugar ao desejo saudoso de retorno – através da memória – ao passado, ao agridoce anseio por um tempo já vivido (DICTIONARY.COM, 2016).

Neste artigo, entende-se memória não como mero acúmulo de informações que podem ser recuperadas em sua totalidade. Para efeito didático, até podemos defini-la como processo em que experiências são “armazenadas” no cérebro através do aprendizado e que, uma vez “armazenadas”, podem ser acessadas, recuperadas, evocadas (IZQUIERDO, 1989).

A ideia de armazenamento, no entanto, é insuficiente para abranger a ação complexa e incessante de seleção e negociação do que será lembrado e/ou do que será esquecido. Além disso, da formação à evocação, os traços da memória estão sujeitos às demandas do presente, ou seja, o que se recorda do passado é continuamente construído, reinterpretado, negociado conforme as possibilidades do hoje e conforme as expectativas para o futuro (IZQUIERDO, 1989; POLLAK, 1992; CANDAU, 2014; LOWENTHAL, 2015).

O anseio pelo que não está

Em linhas gerais, vimos que a nostalgia deu nome a uma doença que se caracterizava pela angústia de se estar distante da terra natal e a consequente vontade de retorno. Nesses termos, ela poderia levar à morte e atingia principalmente soldados em missões no estrangeiro, marinheiros além-mar e demais cidadãos que, por razões diversas, precisavam se mudar para longe de casa (BOYM, 2001), para longe dos “cuidados maternos” (HOFER *apud* ROSEN, 1975, p. 341). De uma condição médica a uma “dor gostosa da ausência”, conforme comentado anteriormente, a nostalgia é utilizada como sinônimo de saudade e vice-versa.

O caráter ambivalente dos dois sentimentos os aproxima, a sutileza que os separa residiria na compreensão feita por Kant ainda no século XIX: o mal dos suíços não desaparecia ao retornarem ao lar da infância, pois o objeto da nostalgia não é o anseio pelo lar, nem pelas pessoas, nem por objetos, mas sim pelo passado que eles recordam (CANDAUI, 2014), ou melhor, pelo tempo que carregam em si. Assim, nem toda saudade poderia ser considerada nostalgia, mas toda nostalgia seria, sim, um tipo de saudade.

Nostalgia é a saudade do tempo.

A saudade de retornar à casa da infância pode ser saciada, mas também pode despertar a nostalgia do tempo em que se era um jovem que reservava as tardes para a leitura descompromissada no sofá, por exemplo. Ainda que a casa, o sofá e o livro permaneçam os mesmos, quanto a isso, será possível quitar a falta de não os ter sempre por perto. O passado que eles carregam, no entanto, é atingível e desfrutado apenas pela memória e pelo sentimento nostálgico que reverbera no corpo. Até mesmo a leitura do livro, como a leitura feita durante a juventude, será inalcançável (HALBWACHS, 2004).

Nesse ponto, precisamos enfatizar que a nostalgia tratada nesse artigo não se equivale ao ato de lembrar ou sentir-se fascinado pelo passado (qualquer passado) em si, mas uma emoção prevalente (reconhecível em diversas faixas etárias, gêneros, nacionalidades, classes sociais), um anseio saudoso, voluntário ou involuntário, por certo tempo pretérito de cunho pessoal (não necessariamente real ou distante) que, no presente, é re-experimentado através da recordação (DAVIS, 1977; HOWARD, 2012; WILSON, 2014; SEDIKIDES et al., 2015).

Estes devaneios nostálgicos podem ser desencadeados por estados internos, como a solidão, o tédio, a falta de um sentido para vida, ausência de algo ou alguém, senso de descontinuidade histórica e/ou autobiográfica, angústia, autorreflexão, pela percepção do tempo incorporado em sinais sensoriais, lugares, coisas ou pessoas, e/ou por uma combinação destes estímulos externos e estados internos. O sentimento também pode ser considerado um tipo de autoafirmação ao realçar as lembranças que farão parte da narrativa de identidade do sujeito (DAVIS, 1977; WILSON, 2014; SEDIKIDES et al., 2015). Apesar de a nostalgia possuir como objeto um passado irrecuperável, a relação com essa temporalidade varia conforme os contextos do presente, dos trabalhos da memória e da percepção que se dá ao fluxo do tempo (CANDAUI, 2014), o que, portanto, nos impede de interpretar toda experiência nostálgica da mesma forma.⁵

Neles se identificou o sentimento nostálgico como predominantemente positivo, porém, eventualmente, servia mais para reforçar aspectos negativos do presente em relação ao passado do que para trazer benefícios psicológicos àqueles que o experienciavam – o que denominaram como “diferente casta” da emoção (SEDIKIDES et al, 2015, p. 44).

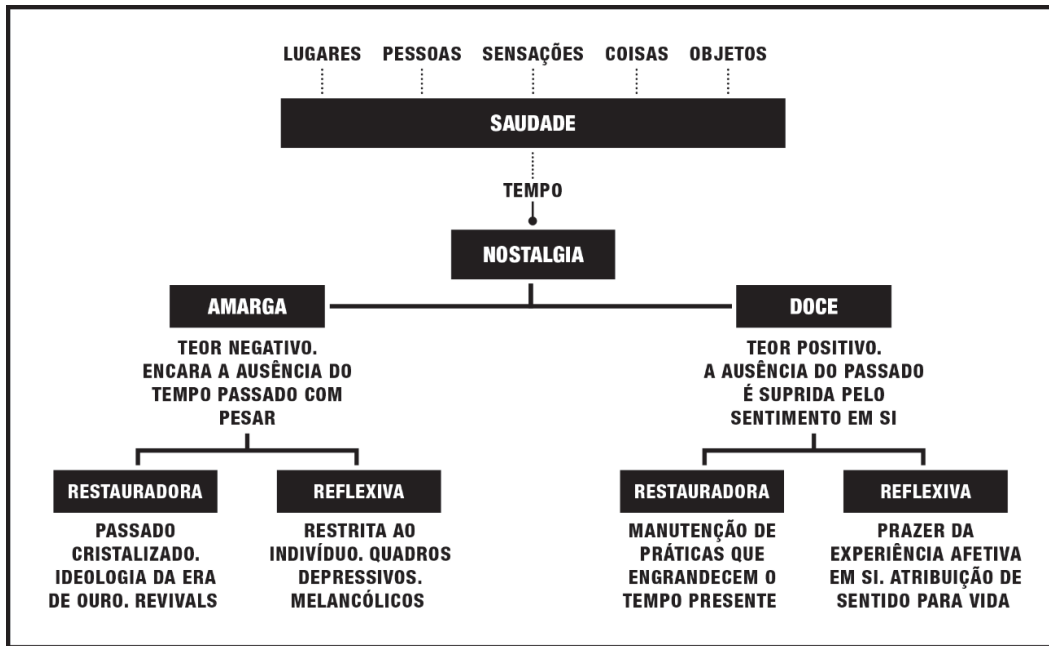
Assim, sugerimos a elaboração de duas categorias para o sentimento: a nostalgia-amarga, que tende para os tons negativos, pois encara a ausência do tempo passado com pesar, insegurança, ressentimento; e a nostalgia-doce, de teor positivo, em que a ausência do passado é suprida, com prazer, pelo sentimento em si.

No livro *The Future of Nostalgia*, a pesquisadora de literatura comparada Svetlana Boym (2001), também sugere duas tipologias: a nostalgia restauradora e a nostalgia reflexiva. A primeira abraça a tentativa de reconstruir o passado, trazê-lo de volta para o presente; enquanto que a segunda salienta apenas a experiência nostálgica em si, seja ela prazerosa, irônica ou crítica.

Ambas as classificações são aplicáveis tanto à nostalgia-amarga – uma vez que o ressentimento com relação ao presente e o engrandecimento do passado podem alcançar uma dimensão mais reflexiva, ficando restrita ao eu (contribuindo, assim, para estados depressivos e melancólicos), ou possuir aspectos ofensivos, restauradores, como *revivals* nacionalistas e religiosos (BOYM, 2001); quanto à nostalgia-doce – em que o prazer provocado pelo sentimento pode repercutir igualmente de modo reflexivo, o sentir em si que eleva a auto-estima e facilita a ideação de um futuro otimista (SEDIKIDES et al, 2015); ou restauradora, quando o arrolamento positivo com o sentimento motiva a manutenção de práticas, costumes, comemorações, festividades que se somam ao tempo presente, engrandecendo-o.

De doença no século XVIII a recurso de autoafirmação identitária nos dias de hoje, a forma como a nostalgia é percebida e definida passou por grandes mudanças. Após ser tratada com sanguessugas ou enterrando-se pacientes ainda vivos, para que assim se curassem da mazela, hoje sugerimos que a emoção pode ser interpretada pelo menos de duas maneiras: como nostalgia-amarga ou nostalgia-doce. Assim, independentemente dos atributos restauradores ou reflexivos, na nostalgia-amarga existe um encolhimento do presente, uma vez que este é sufocado pelo passado, enquanto que na nostalgia-doce é o presente quem empresta do passado sensações e representações que lhe ampliam a densidade (Figura 1).

Figura 1: Nostalgias



Fonte: NAZARETH-TISSOT, 2017.

Mencionamos que estados internos como a solidão, o tédio, a ausência de algo ou alguém, o senso de descontinuidade pessoal costumam ser gatilhos para a nostalgia. Por isso, o sentimento nostálgico é frequentemente associado apenas à fórmula que implica (1) avaliar o presente negativamente em detrimento a um passado melhor e mais desejável. Essa perspectiva é dominante na discussão acerca do sentimento, aliás. Mas veremos que não é a única. O que, no entanto, devemos atentar, é que a narrativa nostálgica manifestada dessa forma é um convite para se pensar sobre os porquês de o *status quo* ser preterido e se as perspectivas do horizonte de espera do passado contêm qualidades e soluções a serem analisadas para o presente (CANDAU, 2014).

Manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de “velhos bons tempos”, o narrador faz uma crítica da sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro. O conteúdo da narrativa é, nesse caso, uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera (CANDAU, 2014, p. 89).

Ora, mas se sugerimos que nem toda narrativa nostálgica se resume ao anseio por um passado superior (mais luxuoso ou mais simples ou mais seguro ou mais emocionante) que o presente (HOWARD, 2012), quais narrativas ainda poderiam ser consideradas? A própria categorização entre nostalgia-amarga e nostalgia-doce (de cunho restaurador ou reflexivo) aponta para as demais possibilidades:

- (2) do presente em harmonia com o passado;
- (3) de redenção;
- (4) do futuro ameaçador;
- (5) do passado do futuro;
- (6) do fenômeno Proustiano.

Na segunda situação, a concepção de um passado melhor não necessariamente exige um presente pior (real ou imaginado como tal), pelo contrário (BATCHO, 1995). Apenas indica que o tempo vivido possui qualidades passíveis de provocarem nostalgia (decerto de matiz doce) e que tentar manter a temporalidade e o sentimento acessíveis (seja através de objetos, músicas, contatos sociais, ações diversas) não implica negação do presente, mas soma-se a ele. Uma espécie de “desejo pelo reencantamento” (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006).

Você pergunta o que a nostalgia me parece? Parece-me como um velho casaco de *tweed*. Aquilo permanece vivo. Fica por perto, e o casaco de *tweed* que vi na loja ontem é igual ao que me lembro de quando era criança [...]. Talvez eu compre o casaco de *tweed*, mas vou incorporá-lo à minha realidade atual (DAVIS, 1977, p. 420-421 – tradução nossa)⁶.

No terceiro cenário, a nostalgia aparece como produto de lembranças difíceis que se tornaram parte de um repertório de redenção, isto é, quando se atribuiu às dificuldades do passado novos significados e, ao futuro — e não ao que já passou —, a aura de bons tempos (SEDIKIDES et al., 2008; LOWENTHAL, 2015). Um passado de pobreza e dificuldades, por exemplo, pode ser sentido nostalgicamente quando o contexto de rememoração e as possibilidades para o amanhã o ressignificam sob o prisma de que “foi tudo pelo melhor” (DAVIS, 1977, p. 418).

Muitas narrativas continham descrições de decepções e perdas, e algumas tocavam em assuntos como separação e até mesmo a morte de entes queridos. Contudo, elementos positivos e negativos eram frequentemente sobrepostos para criar redenção, uma narrativa padrão que progride de um estado negativo ou indesejado (por exemplo, sofrimento, dor, exclusão) para um estado positivo ou desejado (por exemplo, aceitação, euforia, triunfo) (SEDIKIDES et al., 2008, p. 305 – tradução nossa)⁷.

No quarto modelo, a nostalgia surge das inseguranças e incertezas acerca do futuro. Incertezas essas que também reverberam no presente, tomando-o de sensações negativas que acabam por transformar o ontem na única fonte de energia e no único

futuro possível. O que o diferencia do primeiro modelo (sobre a inferioridade do presente) é que, naquele caso, um presente comprometido também pode se lançar para a esperança das utopias futuristas (LYNCH, 1975; HUYSSSEN, 1995). Porém, uma vez embaçado também o futuro, mesmo um passado difícil pode se tornar nostálgico.

[...] no interior da sociedade camponesa da Vendaia estudada por Bernadette Bucher, em que essa memória dos velhos tempos não funciona de acordo com esquemas clássicos: os membros da comunidade estão divididos entre a lembrança da dura realidade do passado (água a ser retirada de poços, trabalhos braçais etc.) e o medo de que as melhorias trazidas pelo progresso contribuam para o declínio de valores que davam a essa comunidade o sentido de sua identidade (CANDAUI, 2014, p. 89).

Quanto ao quinto tópico, nos referimos à nostalgia antecipatória, quando a saudade de um determinado tempo ocorre paralelamente a experiência do mesmo, em outras palavras, quando o presente é percebido como o passado que, em um futuro hipotético, será objeto da nostalgia (LOWENTHAL, 2015; BATCHO; SHIKH, 2016). O presente, então, disposto como o passado do futuro, pode tanto ser vivido plenamente – para que o olhar para trás proporcione uma nostalgia-doce; ou sufocado pelo desejo de mantê-lo para sempre, resultando em uma nostalgia-amarga.

Como ela podia sentir nostalgia quando ele estava bem diante dela? Como você pode sofrer pela ausência de uma pessoa presente? Você pode sofrer de nostalgia na presença do amado se vislumbrar um futuro onde o amado não está mais (KUNDERA, 1998, p. 76).

Já o fenômeno Proustiano envolve o arrebatamento nostálgico-doce fruto de uma lembrança involuntária confundida com o próprio passado revivido. Caracteriza-se como instante efêmero geralmente ativado por pistas sensoriais como perfumes, músicas, sabores (HOWARD, 2012). O rompante de felicidade que sucede a viagem no tempo é também um dos requisitos para a experiência que dificilmente encontraria paralelo nas narrativas anteriores.

Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e que parecem moldados na valva estriada de uma concha de São Tiago. Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferente às vicissitudes da vida, inofensivos seus

desastres, ilusória sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou, antes, essa essência não estava em mim, era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal. De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza (PROUST, 2006, p. 39).

Fora as narrativas, ainda alguns aspectos carecem de comentários. São eles: a questão da remotividade (o quão distante o passado precisa ser distante para que seja digno de nostalgia?), da plausibilidade (o quão confiável é uma lembrança sob a luz nostálgica?) e do grau de contato (o quão diretamente a experiência precisa ter sido vivida?).

Sobre a remotividade, precisamos voltar aqui à questão do tempo e do quanto a sua percepção e experiência são impregnadas do subjetivo de cada um. Comumente a nostalgia é associada apenas a pessoas de idade avançada que buscam no remoto passado refúgio contra a curta perspectiva de futuro. Não há dúvidas de que um idoso situado no eixo passado-presente (em relação a um jovem situado no eixo presente-futuro) possui quantitativamente maior predisposição para se deixar levar pelas lembranças e pela nostalgia (BOSI, 1994). Mas esse atributo não é um fator decisivo, uma vez que o sentimento nostálgico diz mais respeito a como o tempo vivido é percebido (se mais veloz, lento, intenso, vazio), do que ao tempo do relógio. Portanto, o que se passou há cinquenta anos pode ser tão nostálgico para um ancião, quanto os últimos cinco anos para um adulto ou um ano para uma criança:

A capacidade de sentir nostalgia por eventos em nosso passado tem menos a ver (embora claramente tenha algo a ver) com o quão recentes ou distantes são esses eventos, do que com a maneira como eles contrastam — ou, mais precisamente, a maneira como os fazemos contrastar — com os eventos, humores e inclinações de nossas circunstâncias atuais. [...] Não é o contraste em si, mas sim certo tipo de contraste subjetivo que provoca as coisas da nostalgia (DAVIS, 1977, p. 417 – tradução nossa)⁸.

Entendemos por “contrastos” justamente as narrativas já especificadas, ou seja, de como, a partir das demandas do presente, encaramos, avaliamos e, conseqüentemente, reagimos emocionalmente a uma determinada lembrança. Se for permitida uma analogia simples, as recordações nostálgicas seriam como lugares que se destacam no vasto espaço da memória. Algumas experiências demandam boa dose de tempo para que se tornem lembranças saudosas. Outras, como parque de diversões que surgiu da noite para o dia já com status de lugar, não precisariam de tanto. Uma única

visita ao lado das pessoas certas é o bastante para que poucas horas se transformem no desejo de que aquilo tudo dure para sempre. Assim sendo, a nostalgia é a saudade do tempo, mas não em sua quantidade ou remotividade, mas em sua qualidade.

Outro julgamento comum ocupa-se da plausibilidade da memória. Que uma lembrança nostálgica é menos confiável que uma lembrança sem traços afetivos, dado que a nostalgia ousa pintar de “bons tempos” mesmo eventos desagradáveis do passado. Rendemo-nos, então, a algumas questões: existe alguma lembrança que não seja uma construção do presente, independentemente da carga emotiva que possa ou não estar associada a ela? Se fatores emocionais, de humor e de ânimo participam ativamente de todas as fases da memória, existe alguma recordação “pura”, sem qualquer traço emocional? Outras emoções como alegria, tristeza, dor e/ou trauma, perturbariam a fidedignidade de uma lembrança? Decidir-se por uma atitude apática em relação ao passado não é também uma forma de rearranjar as lembranças desse passado? Para todas essas perguntas, uma resposta: todo olhar para o passado é tendencioso (LOWENTHAL, 2015).

Isso não é de todo angustiante; por mais defeituosos que sejam, todos os passados são igualmente merecedores de atenção. Seu passado, meu passado, o passado de fulano e beltrano tem o mérito populista de ser o passado de alguém. Nesse sentido, o passado coletivo é uma colagem, uma louca colcha da miríade de memórias individuais da humanidade. Mas a ‘verdade’ no sentido antigo — um relato verídico do passado baseado em evidências consensualmente concordadas — tornou-se ultrapassada. Um passado que pareça apropriado, que se adéque a qualquer necessidade pessoal efêmera, é concedido validade. Mesmo elaborações francamente fictícias são respeitadas como acontecimentos históricos de algum narrador. Sem fazer julgamentos no hoje, damos permissividade ao ontem. Da mesma forma que qualquer coisa acontece agora, qualquer coisa também aconteceu lá atrás: não há versão do passado tão implausível que não se possa imaginar, tão fantasiosa que não leve a reflexão. Uma vez que todos os passados são construídos para servirem a si próprios, quanto mais abertamente autointeressados eles são, mais honestos e perspicazes seus narradores são considerados. (LOWENTHAL, 2015, s/p – tradução nossa)⁹.

Finalmente, o grau de contato aborda o alcance da experiência, se a nostalgia é animada por uma memória experienciada pessoalmente, ou se é fruto de uma memória vicária, isto é, uma memória de segunda-mão, que não foi vivida de fato, que é emprestada, herdada, derivada da experiência do outro e sobre a qual se cria uma afiliação (ERRANTE, 2000. CLIMO; CATTELL, 2002). É a nostalgia pela época que não se viveu, muito bem representada no filme *Meia Noite em Paris*, de Woody Allen (2011).

- Eu tentava fugir do meu presente como você tenta fugir do seu... Indo para uma Idade de Ouro.
- Certamente, não pensa que os anos 20 são uma Idade de Ouro.
- Sim, para mim eles são.
- Mas eu sou dos anos 20 e digo que a Idade de Ouro é a Belle Époque.
- Olhe esses caras. Para eles, sua Idade de Ouro foi a Renascença. Eles trocariam a Belle Époque para pintar com Ticiano e Michelangelo.

Desde que surgiu, a nostalgia foi associada a ocorrências negativas: doença, perturbação psicológica e escapismo, para citar alguns exemplos. Uma emoção de “classe inferior” (HOWARD, 2012, p. 647), “insignificante, simplória” (WILSON, 2014, p. 160), um “tabu”, uma “perda de tempo e um luxo inacessível” (BOYM, 2001). Entretanto, algumas recentes pesquisas sobre o tema (BOYM, 2001; WILSON, 2014; HOWARD, 2012; SEDIKIDES et al, 2015) indicam que, apesar da emoção às vezes possuir um caráter disfuncional (como sugerimos nas narrativas que levam a uma nostalgia-amarga), a nostalgia-doce possui implicações motivacionais, auto-afirmativas que promovem a autoestima, fortalecem a conexão social e aumentam a percepção da vida como significativa (SEDIKIDES et al, 2015).

A nostalgia é uma agitação emocional que se relaciona com os trabalhos da memória e do esquecimento (STAROBINSKI; KEMP, 1966), e que, diferentemente da saudade, é o produto de um passado, percebido como distante, e de suas utopias. A nostalgia é a saudade do tempo que passou e a experiência muitas vezes agridoce de tê-lo de volta através dos sentidos, um “desejo pelo re-encantamento” (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006). Normalmente, o sentimento nostálgico é desencadeado a partir de estados disfóricos como tristeza e solidão, que podem surgir como consequência de descontinuidades históricas e autobiográficas. Não é uma simples rememoração do passado, não é algo “percebido”, mas “sentido” (HUTCHEON; VALDÉS, 1998-2000).

Durante uma experiência de rememoração analisada através de ressonância magnética, foi observada uma intensa atividade do Hipocampo que, ao intervir no reconhecimento do estímulo, comparando-o a memórias pré-existentes (IZQUIERDO, 1989), possui um papel relevante na evocação de eventos autobiográficos (OBA et al., 2015). Mas no caso de uma rememoração em que foi induzida a nostalgia através de estímulos implícitos como músicas e fotografias de infância, o Hipocampo do grupo observado ativou e trabalhou junto a outras áreas do cérebro, o Corpo Estriado Ventral, uma parte essencial no sistema de recompensas, e o Núcleo *accumbens*, ligado a atividades prazerosas.

Foi percebido, então, que durante a nostalgia, a associação das lembranças autobiográficas ocorre paralelamente a um forte senso de prazer e gratificação. Tais associações reforçadas, então, tendem a induzir experiências nostálgicas cada vez mais positivas na medida em que as memórias continuem sendo ativadas.

Não à toa, a nostalgia é encarada como “recurso importante para a gestão de ansiedades existenciais” (SEDIKIDES et al., 2006). Com o decorrer da vida, a nostalgia não somente dá significado ao que foi vivido, mas a sua experiência, muitas vezes percebida como agridoce, mas gratificante e prazerosa, ajuda a criar a impressão de que é quase possível trazer de volta o que de fato se deseja, o tempo que não existe mais.

Considerações finais

O objeto da nostalgia, portanto, é o tempo (entendido como) passado que, através da emoção, se torna “palpável”, sentido na pele, no pulsar mais acelerado do coração, no suspiro sobre o que não volta mais. O trato da nostalgia, portanto, demanda um olhar além da ideia do sentimentalismo escapista ou de ideologia conservadora que a palavra possa ter acumulado ao longo dos séculos.

A expressão nostálgica, quando presente, instiga mais questões do que respostas e é justamente com as primeiras que finalizamos esse artigo: ao nos depararmos com a nostalgia, de qual tipo estamos tratando – doce ou amarga? Qual narrativa se mostra predominante? O que desencadeou o sentimento? Por quê? Em qual contexto? Quais os efeitos do sentimento no presente – e com relação às projeções para o futuro? O que, afinal, se esconde por trás do suspiro saudoso em relação ao tempo passado?

Muitos lugares estão associados a esse sentimento, são capazes de remontar nas pessoas um tempo passado, possuem em sua materialidade a subjetividade da memória. Tais lugares, nostálgicos, evocam esse tempo que não existe mais e ao serem visitados, ou revisitados, são capazes de evocar os sentimentos que eram de outro tempo. Identificar e reconhecer a importância desses lugares é um trabalho importante para o cuidado com o patrimônio social, com a memória coletiva e com o respeito por nossas histórias.

Referências

- ALLEN, W. (Dir). **MEIA Noite em Paris**. Fot: Darius Khondji. [S.l.]: Mediapro. Netflix (94 min), NTSC, color. Título original: Midnight in Paris, 2011.
- AQUINO, S. T. de. **Suma de Teología II**, parte I-II. 2. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1989.
- BATCHO, K. I.; SHIKH, S. Anticipatory nostalgia: missing the present before it's gone. **Personality and Individual Differences**, n. 98, p. 75-84, 2016.
- BATCHO, K. I. Nostalgia: a psychological perspective. **Perceptual and motor skills**, v.80, n.1, p. 131-143, 1995.
- BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BOYM, S. **The future of nostalgia**. E-book. New York: Basic, 2001.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CLIMO, J.; CATTELL, M. G. **Social memory and history**: anthropological perspectives. Rowman Altamira, 2002.
- CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DAVIS, F. Nostalgia, identity and the current nostalgia wave. **The journal of popular culture**, 1977. v.11, n.2, p. 414-424.
- ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de quem? histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação**, Pelotas: SPHE/Faa/UFPel, 2000. v. 8, p. 141-174.
- HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.
- HOFER, J. Reprinted in Herrn Albrecht Hollers Sammlung akademischer Streitschriften die Geschichte und Heilung der Krankheiten betreffend. In: Lorenz Crell, Von D. **einen vollständigen Auszug gebracht und mit Anmerkungen versehen**, Helmstedt, verlegts Johann Heinrich Kiihnlin, v.1, p. 180-188, 1688. diss. de nostalgia. Basel, 1678.
- HOWARD, S. A. Nostalgia. **The Analysis Trust**, v. 72, n. 4, p. 641-650, 2012.
- HUYSSSEN, A. **Twilight memories**: Marking time in a culture of amnesia. New York: Routledge, 1995.
- ILLBRUCK, H. **Nostalgia**: origins and ends of an unenlightened disease. Illinois: Northwestern University Press, 2012.
- IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989.
- KUNDERA, M. **A identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country**: revisited. New York: Cambridge University Press. Kindle Edition, 2015.

- LYNCH, K. **¿De qué tiempo es este lugar?** Para una nueva definición del ambiente. Barcelona: Editorial Gustavo Gili (Colección Arquitectura y Crítica), 1975.
- NABUCO, J. **The lyric poet**. Address at Vassar College, 1909. Acervo digital da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<https://goo.gl/98eAqd>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- NAZARETH-TISSOT, K. **A cidade da infância (re)visitada**: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas, RS. Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (Dissertação de Mestrado), Pelotas: 2017.
- NOSTALGIA. (2012). In: **DICIONÁRIO HOUAISS**. Disponível em: <<https://goo.gl/h7gTUQ>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- NOSTALGIA. (2003). In: **DICIONÁRIO INFOPÉDIA** da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<https://goo.gl/RnPNWm>>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- NOSTALGIA. (2016). In: **DICTIONARY.COM**. Disponível em: <<https://goo.gl/xx6eje>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- NOSTALGIA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- NOSTALGIA. In: LÉXICO. **Dicionário de português on-line**, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/hyBHqS>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- NOSTALGIA. In: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Kd5Syn>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- PEREIRA JÚNIOR, Luiz. Costa. **O mar que me navega**: sintonias filosóficas em Paulinho da Viola. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- PICKERING, M.; KEIGHTLEY, E. The modalities of nostalgia. **Current Sociology**, v. 54, n. 6, p. 919-941, 2006.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PROUST, M. **No caminho de swann**. Em busca do tempo perdido, v. 1. São Paulo: Globo, 2006.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. Edición del tricentenário, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/yYHSjy>> Acesso em: 14 jan. 2016.
- ROSEN, G. Nostalgia: a “forgotten” psychological disorder. **Psychological medicine**, n. 5, p. 340-354, 1975.
- SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ROUTLEDGE C.; ARNDT, J.; HEPPEL, E. G.; ZHOU, X. To nostalgize: mixing memory with affect and desire. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 51, p. 189-273, 2015.

SEDIKIDES, C.; WILDSCHUT, T.; ARNDT, J.; ROUTLEDGE, C. Nostalgia: past, present, and future. Current directions in **Psychological science**; v.17, n. 5, p. 304-307, 2008.

STAROBINSKI, J. The idea of nostalgia. **Diogenes**, n.14, p. 81-103, 1966.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G (eds.) **Philosophy in Geography**. Dordrecht, Holanda: D. Reidel Publishing Company, p. 387- 427, 1979.

WILSON, J. L. w: sanctuary of meaning. Duluth: University of Minnesota Duluth Library Press, 2014.

¹ “Nada impide que uno de los contrarios sea accidentalmente causa del otro. Y así, la tristeza puede ser causa de la delectación. En primer lugar, en cuanto que la tristeza por la ausencia de una cosa o por la presencia de la contraria busca con más vehemencia aquello en que deleitarse [...] El dolor mismo puede ser deleitable accidentalmente, en cuanto está acompañado de admiración, como en los espectáculos, o en cuanto evoca el recuerdo de la cosa amada y hace sentir el amor de aquello cuya ausencia resulta dolorosa. De ahí que, siendo el amor deleitable, tanto el dolor como todo lo que proviene del amor sea deleitable, en cuanto ello hace sentir el amor.”

² “The homesickness of the Swiss [...] which befalls them when they are transferred to other lands is the effect of a longing that is aroused by the recollection of a carefree life and neighborly company in their youth, a longing for the places where they enjoyed the very simple pleasures of life. Later, when they visit these places, they there find their anticipation deceived and thus even their homesickness cured. To be sure, they think that everything has been wholly transformed, but in fact it is that they cannot bring back their youth with.”

³ “Since the Swiss live in the mountains, he asserted, they inhale a refined air which is also carried into the body by food and drink. When they descend to the lowlands, the delicate fibres of the skin are compressed, the blood is forced into the heart and brain, its circulation is slowed, and if the individual’s body cannot resist the deleterious effects, anxiety and homesickness supervene.”

⁴ “Nostalgia as a historical emotion came of age at the time of Romanticism and is coeval with the birth of mass culture. It began with the early-nineteenth-century memory boom that turned the salon culture of educated urban dwellers and landowners into a ritual commemoration of lost youth, lost springs, lost dances, lost chances. With the perfection of album art, the practice of writing poems, drawing pictures and leaving dried flowers and plants in a lady’s album, every flirtation was on the verge of becoming a *memento mori*.”

⁵ Exemplo disso aparece nos trabalhos do grupo de pesquisa sobre nostalgia da Universidade de Southampton (Reino Unido). Disponível em <<http://www.southampton.ac.uk/nostalgia/>>. Acesso em: 26 set. 2015.

⁶ “You ask what nostalgia feels like to me? It feels like an old tweed coat. That stuff stays alive. It stays around, and the tweed coat I saw in the store yesterday is just like the ones I remember from when I was a kid [...] Maybe I’ll get the tweed coat, but I’ll incorporate it into my current reality.”

⁷ “Many narratives contained descriptions of disappointments and losses, and some touched on such issues as separation and even the death of loved ones. Nevertheless, positive and negative elements were often juxtaposed to create redemption, a narrative pattern that progresses from a negative or undesirable state (e.g., suffering, pain, exclusion) to a positive or desirable state (e.g., acceptance, euphoria, triumph).”

⁸ “The ability to feel nostalgia for events in our past has less (although clearly something) to do with how recent or distant these events were than with the way they contrast — or, more accurately, the way we make them contrast — with the events, moods and dispositions of our present circumstances. [...] That it is not contrast per se but rather a certain kind of subjective contrast which elicits the stuff of nostalgia.”

⁹ “This is not altogether distressing; however defective, all pasts are equally deserving of attention. Your past, my past, so-and-so’s past all have the populist merit of being someone’s past. In this sense, the collective past is a collage, the crazy quilt of humanity’s myriad individual memories. But ‘truth’ in the old sense — a veridical account of the past based on consensually agreed evidence — has become passé. A past that feels appropriate, that suits any ephemeral personal need, is accorded validity. Even frankly fictitious concoctions are respected as some narrator’s historical happenstance. Non-judgemental today, we extend permissiveness to yesterday. Just as anything goes now, anything likewise went back then: no version of the past is too far-fetched to ignore, too fantastic to lack insight. Since all pasts are constructed to be self-serving, the more avowedly self-interested they are the more honest and insightful we judge their narrators.”